

O CANTO DE AQUILES E O AMOR: A QUEM PERTENCE O SEU CORAÇÃO?

The Song of Aquiles and love: who belongs to your heart?

Demóstenes Dantas Vieira¹Francisco de Assis da Costa Filho²

RESUMO: Este trabalho escreve sobre as especificidades da narrativa homérica em torno da relação Pátroclo/Aquiles. O problema que perpassa esse trabalho é um questionamento sobre amor e desejo, afinal, a quem pertencia o coração de Aquiles, ao seu primo Pátroclo ou a Briseis, sua escrava e amada? É interessante pensar nessa trama, as formas através da qual se configuravam as práticas homoafetivas na antiguidade clássica, suscitando formas de compreensão que contribuam para o entendimento da construção da homoafetividade na sociedade ocidental, que perpassa *habitus* sociais e práticas homoafetivas distintas, levando em consideração as *estruturas estruturadas* e *historicizadas* pela ação. Nesse sentido, propomos como objetivo refletir sobre possibilidades interpretativas em torno das práticas homoafetivas, amizade e amor entre Pátroclo e Aquiles. Utilizamos como aporte teórico, principalmente, as considerações sobre literatura clássica de Viegas (2009, 2012) Aubreton (1988) e Carlier (2008), assim como as reflexões de Dover (1994), Corino (2006) e Ullmann (2005). Os resultados apontam para uma relação de amizade, amor e sexualidade quase que indistintas, em que as práticas sexuais entre dois homens eram concebidas como prova de intimidade, companheirismo e afeto.

Palavras-chave: Homossexualidade. Antiguidade Clássica. Amor. Amizade.

ABSTRACT: This paper writes about the specifics of the Homeric narrative around the relationship Patroclus / Achilles. The problem that permeates this work is a question of love and desire, after all, who owned the heart of Achilles, his cousin Patroclus or Briseis, priestess of Apollo? It is interesting to think of this plot, the ways through which they configured the homoafetivas practices in classical antiquity, raising ways of understanding that contribute to the understanding of the construction of homoafetividade in Western society that permeates social *habitus* and distinct homoafetivas practices, taking into account the structured structures and historicized by the action. In this sense, we propose reflects on interpretative possibilities around the homoafetivas practices, friendship and love between Achilles and Patroclus. We used as theoretical support mainly considerations of classical literature Viegas (2009, 2012) Aubreton (1988) and Carlier (2008) and the reflections of Dover (1994), Corino (2006) and Ullmann (2005). The results point to a relationship of friendship, love and sexuality almost indistinct, where the sexual practices between two men were conceived as evidence of intimacy, companionship and affection.

Keywords: Homosexuality. Classical Antiquity. Love. Friendship.

Introdução

Este trabalho adota com objetivo refletir sobre possibilidades interpretativas em torno das práticas homoafetivas, amizade e amor entre Pátroclo e Aquiles, personagens

¹ Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Especialista em Educação pelas Faculdades Integradas de Patos – FIP e Mestre em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: literaturaevida@yahoo.com.br

² Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, mestrando em Ciências Sociais e Humanas pela mesma instituição. E-mail: assistv@hotmail.com

da narrativa homérica da *Ilíada*. Ele traz à tona reflexões sobre práticas homossexuais e relações afetivas entre iguais na antiguidade clássica, de modo que possamos entender como tais práticas se configuravam como *habitus* social, estruturados de forma distinta em Esparta e em Atenas, mas com características muito semelhantes.

Nossa pesquisa justifica-se no meio científico no tocante que visa promover a reflexão sobre o processo de construção da homoafetividade na sociedade ocidental, que, por sua vez, perpassa o entendimento de práticas homossexuais na Antiguidade Clássica. Para tanto, adotamos como método procedimental a pesquisa bibliográfica e a análise documental da *Ilíada*, como manuscrito histórico e social.

Práticas homossexuais na Grécia Antiga: entre Esparta e Atenas

Segundo escreve Dover (1994), de forma geral, o homoerotismo na sociedade grega antiga supria a necessidade de relações interpessoais mais íntimas não encontradas no casamento. Isso se deve, talvez, pela forma como a figura da mulher foi desenhada ainda no berço da democracia, física, intelectual e emocionalmente inferior, o que não lhes inferia nenhum tipo de segurança nas relações afetivas. Por esse motivo os homens se agrupavam em duplas de amigos, através das quais podiam saciar a necessidade de satisfação não só da libido, mas das emoções.

Sobre essa questão, Plutarco (2009, 49-50) escreve que

Mas o amor verdadeiro não tem qualquer espécie de relação com o gineceu, e nem considero que seja amor o sentimento que vocês nutrem por mulheres e raparigas, da mesma maneira que as moscas não amam o leite ou as abelhas o mel, nem tampouco os criadores de gado ou os cozinheiros experimentam sentimentos de amor pelos cordeiros ou por aves que se alimentam às escuras.

Com efeito, escreve Plutarco, “o Amor é o que vos liga a almas jovens e bem-nascidas que através da amizade vos conduz a virtude”, o relacionamento sexual entre dois homens.

Conforme escreve Corino (2006, p. 20), em Esparta, sociedade guerreira,

os casais de amantes homens eram incentivados como parte do treinamento e da disciplina militar. Essas práticas dariam coesão às tropas. Em Tebas, colônia espartana, existia o Pelotão Sagrado de Tebas, tropa de elite composta unicamente de casais homossexuais. Eram extremamente ferozes, pois lutavam com muita bravura para que nada acontecesse a seus parceiros. Em campo de batalha eram quase imbatíveis.

Como é possível perceber tais práticas, em Esparta, se davam no âmbito de um *habitus*³ social bastante ligado ao treinamento e ao campo de batalha, a libido, as práticas homossexuais entre os guerreiros não eram percebidas como forma de interiorização da masculinidade, pelo contrário, estavam ligadas à sua força e ferocidade em batalha.

Entretanto, vale ressaltar que tal *habitus* não se reproduzia em todas as polis gregas. Em Atenas, por exemplo, ele se configurava de forma distinta. Para entendermos essa questão, citamos três exemplos:

Um jovem ateniense chamado Timarco, de grande beleza e de boa família, que começou a se prostituir nas ruas de Cerâmico e Pireu. Ele buscava o prazer puro e simples. Era um “devasso”, chegando a ter dois amantes ao mesmo tempo. Ao chegar à idade adulta entrou na política, no entanto foi atacado por Ésquines em um discurso que se tornou célebre. Ésquines expôs a público seu passado e por causa disso Timarco veio a suicidar-se.

Em outra situação, o escritor Sófocles caminhava por Cerâmico e agradeceu-se de um jovem que vendia seu corpo no local. Foram os dois para um canto sombrio das muralhas. Depois desse breve encontro, o jovem apossou-se do manto de Sófocles e deixou em seu lugar seu pequeno manto de criança. Sófocles teve que usar essa roupa curtíssima para ir para casa. Ao atravessar Atenas nesses trajés, foi motivo de riso e o caso causou grande rumor na cidade.

O filósofo cínico Diógenes também foi testemunha de outro caso: viu certo dia Demóstenes num prostíbulo e, apesar do esforço deste para se esconder, tomou-o pelo braço, levou-o até a rua e o mostrou-o aos transeuntes: “Vejam aqui o chefe do povo ateniense!”. Para evitar ser reconhecido, Demóstenes, o maior representante da eloquência ática costumava freqüentar esse lugar vestido de mulher. (CORINO, 2006, P. 21)

³ O *habitus* representa um engendramento que proporciona a compreensão da interiorização das estruturas sociais nas quais o indivíduo está inserido. Assim como em Elias (1993), em Bourdieu, o *habitus* pode ser compreendido como disposições duráveis e inconscientes, tendo em vista a sua relação com estruturas historicizadas. Nesse sentido, o *habitus* produz práticas, individuais e coletivas, produz história, portanto, em conformidade com os esquemas engendrados pela história” (BOURDIEU, 1994, p. 76).

De certa forma, a sociedade ateniense vivia um paradoxo com relação às práticas homossexuais. Era aceitável e até aconselhável a relação afetiva e sexual entre dois homens, desde que um deles tivesse entre 12 e 18 anos, e o outro fosse um homem mais velho, maduro, de modo que este último possa “transmitir” conhecimentos ao mais jovem. Vale, entretanto ressaltar, que os papéis homoeróticos estabeleciam-se como *habitus* social, em que não era concebível que o garoto fosse o ativo dessa relação, pois ele não tinha nada a ensinar. Era vergonhoso para o erastes (amante), termo usado para designar o homem mais velho da relação, ser penetrado pelo seu pupilo chamado de eromenos (amado). Era repugnável diante da sociedade ateniense (ULLMANN, 2005). Tal forma de práticas homossexuais consolidadas em Atenas eram denominadas de paiderastia (amor a meninos). Tais práticas perpassavam o modelo de educação masculina atenisense, a paidéia (educação) era realizada somente através da paiderastia (ULLMANN, 2005). Vale entretanto ressaltar que enquanto a pederastia constituía um *habitus* social, os homens políticos eram coibidos a não frequentarem prostíbulos, nem tampouco era aceito que os mesmos se expusessem com relação a práticas homossexuais (ULLMANN, 2005; CORINO, 2006).

Diante das considerações realizadas, propomos no tópico a seguir entender como se configurava a relação entre Aquiles/Briseis e Aquiles e Pátroclo na *Ilíada*, tendo como escopo os processos de *configurações*⁴ em que se postulava a Grécia Antiga. Para tanto faremos breve análise da narrativa, levando em consideração as reflexões de Viegas (2013) e Dover (1994), Aubreton (1968) e Carlier (2008).

⁴ Termo usado por Elias (1994) para designar as redes de interdependência entre os indivíduos, que constituem a sociedade. Essa “rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexo do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes” (ELIAS, 1994, p. 249).

A narrativa homérica e a ira de Aquiles

A *Ilíada* tem assumido o lugar de um dos maiores clássicos da literatura ocidental/universal. No original grego, a *Ilíada* é composta de 15.693 versos. Divididos em 24 cantos de extensão variável. O título deriva de *Ílion*, nome grego de Tróia. Apesar de sua autoria ser atribuída a Homero, existem inúmeras especulações sobre a sua autoria, sobre a data de sua criação ou mesmo sobre a existência do poeta.

Especula-se que, provavelmente, a obra tenha sido escrita no século VIII *a.C*, cerca de três séculos depois dos fatos narrados. A versão que conhecemos hoje foi escrita provavelmente em Atenas no século VI. A divisão do poema em 24 cantos corresponde à tradução dos eruditos alexandrinos do Período Helenístico.

É notório que a *Ilíada* influenciou os maiores poetas e escritores da latinidade, como a *Eneida* de Virgílio, a obra de Horácio, Ovídio etc. Tal influencia também pode ser observada na Literatura de Língua Portuguesa, principalmente em *Os Lusíadas*, de Camões, *I-Juca-Pirama*, de Gonçalves Dias, e obras diversas. De grande relevância, durante muitos séculos, a *Ilíada* fez parte do currículo da educação básica, primeiramente na Grécia e depois também em Roma.

A narrativa da *Ilíada* se passa durante o décimo e último ano da *Guerra de Tróia* (provavelmente no século V *a.C*). Apesar de ser uma obra repleta de temas como a condição humana, destino, paixão, guerra, traição etc., o que está em foco é a trajetória mítica de um semideus (Aquiles), filho do rei Peleu e da Deusa do Mar (Tétis). Leiam-se nos versos abaixo:

Canta-se, ó deusa, do Peleio Aquiles
A ira tenaz que, lutuosa aos gregos
Verdes no Orco lançou mil fortes almas
Corpos de heróis a cães e abutres:
Lei foi de Jove, em rixa ao discordarem

O de homens chefe e o Mirmidom divino
Nume há que os malquistasse?
(ILIADA, 2005, P. 26)

Como é possível perceber a temática central da *Ilíada* é a ira de Aquiles. A obra traz os cantos de sua ira, contra o próprio destino, contra Agamenon e contra a morte, dor e luto que se materializam com a perda daqueles a quem seu coração declinava, Briseis e Pátroclo, seu amigo e companheiro de batalhas.

Segundo Viegas (2013, p. 28), “em Homero, *phília* (amor, amizade) entre homens e mulheres é extremamente ligada ao *pathos* em sua carga semântica mais primitiva – um sentimento que estrangula e domina o homem de modo fortíssimo.” Ao se referir aos sentimentos de Aquiles, Homero usa o mesmo vocábulo para se referir tanto a Briseis como para Pátroclo (VIEGAS, 2013).

A ira de Aquiles acontece em primeiro momento contra a prepotência de Agamênon, que ao afrontá-lo reivindica a posse de Briseis, escrava que Aquiles tomara a guerra, a quem ele passara a amar. Esse impasse se dá pelo fato de que Aquiles havia contestado o que Agamenon havia feito com a sacerdotisa de Apolo (Criseis), tê-la feito escrava. A pedido do oráculo, Aquiles questionou a Agamênon para que a sacerdotisa fosse liberta, assim a ira de Apolo não cairia sobre eles. Agamenon libertou a sacerdotisa, mas afrontou Aquiles tomando a sua escrava. Sendo ele, *o maior guerreiro já nascido*, retirou-se da guerra pela primeira vez (até que sua escrava fosse lhe devolvida).

A relação amorosa entre Aquiles e Briseis é descrita já nos primeiros versos da narrativa, onde Homero solicita à deusa, ou à musa para cantar a ira de Aquiles, pois era difícil para Homero narrar tamanha ira. Após a discussão com Agamenon, Aquiles pede a seu companheiro Pátroclo que busque Briseis em sua tenda, segundo Homero (2005), calada e constrangida.

Falou. Presta obediência ao caro companheiro, Pátroclo.
Para fora da tenda, Briseida, belo rosto, é levada.
E os dois, de volta, junto,
às naves — e a mulher a contragosto — vão”
(HOMERO, 2005, P. 345-348)

É interessante lembrar como se davam as relações afetivas entre homens e mulheres na Grécia, o amor era concebido como produto de um *habitus* ligado a posse da mulher que era compreendida como sua propriedade, visto a sua inferioridade intelectual, emocional e física, conforme escreve Dover (1994).

É de suma importância entender a hermenêutica dessa relação. A personagem Helena, em determinado momento da narrativa, ao ver tanto sangue e tanta violência derramada a seu favor, se questiona sobre o sentimento do amor, “não seria eu apenas um troféu” que prova aquele que tem mais força nesta Guerra? (HOMERO, 2006, P. 98). Isso não significar dizer que as práticas afetivas entre homem e mulher não se efetivavam, nem tampouco dizer que as relações afetivas homoeróticas eram superiores. O que precisamos entender é que em ambos os casos as práticas de amor e afeto se configuravam de formas distintas, assim como também se diferem das formas de amor na contemporaneidade. Aquiles amava a Briseis e ao vê-la ser retirada, é humilhado e entristecido. Segundo escreve o narrador, “Aquiles põe-se à parte, afasta-se, chorando, /Sentado junto ao mar salino-cinza, e olhava, /Ao longe, as águas cor de vinho.” (HOMERO, 349-351).

O canto I dá prosseguimento com diálogo de Aquiles com a Deusa Tetis (sua mãe), com quem ele busca colo e explicações sobre o que aconteceu, visto que ele não entendia o porquê de sua dor. Conforme escreve Homero (2005, p. 490) “nem a glória da ágora o atraía mais.”.

É interessante lembrar que Aquiles só retorna a Guerra quando Agamenon, por intermédio de Odisseu, lhe promete ao fim da batalha muitas mulheres e riquezas, assim como a certeza de que Briseis não foi tocada por Agamenon e que ela lhe será devolvida (HOMERO, 2005, p. 416-420). Ao contrário, do afirmam muitos sobre os sentimentos do herói, com base em interpretações inequívocas sobre as prática homossexuais na Grécia Antiga, Aquiles amava a Briseis, conforme sua própria declaração “Todo homem reto, merecedor de nome, ama sua esposa e a ampara, como eu de coração, amo a minha” (HOMERO, 2005, p. 341-343). Isso reforça também o quanto a relação matrimonial estava ligada a um sentimento de posse, embora Aquiles não fosse casado com Briseis, ele a concebia como tal, talvez devido ao sentimento de pertença que também lhe conduzia ao afeto, à honradez e à força inerente ao *habitus* do herói épico e mesmo do dito “homem reto”, conforme os costumes gregos antigos.

A segunda ira de Aquiles, repleta de amor.

O *philia* mais digno de imitação, conforme escreve Plutarco (1999), Dover (1994) e Ullmann (2005), entre dois iguais – homens – está presente na produção artística grega nas suas mais diversas manifestações. A literatura clássica, por exemplo, nos dá exemplos de que tais relações não se restringiam somente a satisfação da libido, mas compunham momentos de amor e afeto. A literatura clássica está recheada de exemplos: Aquiles e Pátroclo, em Homero (2005); Satíricon, em Petronio (1981); o mito de Apolo e Hyacinthus, em Bulfinch (2002); na Odisseia, também de Homero (2005b), em Plutarco (1999), etc. O que não se pode negar, entretanto, é que as relações de afeto que perpassavam tais práticas homossexuais não se davam nos moldes contemporâneos, muito menos de forma homogênia.

Em diversas adaptações da *Ilíada* para o cinema, ou mesmo para jovens leitores - como a versão de Manoel Odorico Mendes, Homero (2006) – a relação entre Aquiles e Pátroclo restringe-se a um sentimento de amizade aos moldes contemporâneos ocidentais. Entretanto, a amizade destes dois personagens ultrapassa as relações de parceria em batalha. Na *Ilíada* (2005), as personagens dividem a mesma tenda, trocam carinhos e afetos, uma amizade aos moldes espartanos. Na Atenas do século V *a.C.*, por exemplo, a relação entre eles era comumente interpretada como pederástica. Apesar de que alguns autores defendem que Aquiles e Pátroclo eram apenas companheiros de armas, como afirma Sócrates no Diálogo Fedro, citando passagens da *Ilíada* que dizem que Aquiles e Pátroclo dormiam em leitos separados, cada um com suas respectivas concubinas.

Ao se dirigir ao seu amigo, diante de seu corpo, Aquiles se utiliza de vocábulos gregos com uma carga semântica que indica uma relação íntima, como *parceiro, companheiro ou ainda companheiro querido/amado, o meu cabeça igual, aquele que me completa*. Vejamos a narrativa de Homero: “se perdi o meu companheiro querido,/ Pátroclo, o melhor de todos os meus parceiros, / o meu cabeça igual” (HOMERO, 2005, p. 80-82).

A relação de Aquiles e Pátroclo divide muita opinião. Entretanto, os estudos da literatura clássica têm-se aproximado de uma interpretação amorosa. É fato que após a morte de Pátroclo, Aquiles chora longa e demoradamente sobre o corpo de Pátroclo, e implora ao destino pedindo-lhe que una os dois novamente (HOMERO, 2005, p. 94-99). É importante lembrar também, que na *Odisseia* (2005), Ulisses vai até o mundo inferior e encontra-se com Aquiles ao lado de Pátroclo, demonstrando a intensidade dessa relação que perdurou mesmo depois da morte, cumprindo-se o pedido feito ao destino.

A narrativa de Homero nos conta que Pátroclo toma as armaduras de Aquiles, passando-se por ele, e segue ao campo de batalha, de modo que pudesse incentivar os guerreiros de Aquiles a voltar a batalha, nesse percurso, Pátroclo é morto por Heitor, maior guerreiro de Tróia, que acredita estar matando Aquiles.

Conforme escreve Carlier (2008, p. 86), a ira desencadeada pela morte de Pátroclo deve ser considerada a “verdadeira ira” de Aquiles, pois é partir deste acontecimento que o desenvolvimento da narrativa se efetiva.

Após a morte de Pátroclo, desencadeiam-se uma série de acontecimentos em que se materializam a ira e os indícios de fortes laços afetivos com Aquiles. Aubretton (1968, p. 163) escreve que Pátroclo acrescenta ao enredo do poema épico-narrativo uma “dupla perfeição”, pois sua morte possibilita o desenrolar da trama, além de possibilitar a compreensão de mais uma parte da alma de Aquiles, personagem principal da narrativa homérica.

Conforme escreve Viegas (2013, p. 35) o termo mais adequado para definir a relação Pátroclo/Aquiles é “amizade”, entretanto não nos moldes como nós a entendemos. Tal sentimento, tão presente na cultura grega, “vai desde uma *amizade entre iguais*, mormente homens, que os une em um ideal comum do bem, pela *pólis*, até a tênue linha entre essa amizade tão profunda e o *amor propriamente dito entre iguais* na sociedade em tela” (VIEGAS, 2013, P. 35).

É interessante lembrar que nas diversas adaptações da Ilíada para o cinema, o personagem Pátroclo é representado como um jovem, como um garoto subserviente a Aquiles, induzindo os leitores a entender a relação entre os mesmos como forma de Pederastia, modelo de educação bastante comum na Grécia Antiga. Entretanto, a mitologia grega nos escreve sobre o contrário. Segundo escreve Viegas (2013, p. 40 e

41), “em *Troia* (2004), é necessário trocar os papéis identitários e configurantes de Aquiles e Pátroclo – a idade dos dois é inversa e o segundo ganha um rosto andrógino, a fim de se supor a relação homem-homem, na qual um dos dois não se parece somente homem. Puro preconceito ou jogada de marketing.”

A interpretação pederástica da relação Pátroclo/Aquiles assumida por muitos, não encontra respaldo na narrativa e tampouco na mitologia grega, tendo em vista que o instrutor de ambos foi Quiron, o rei dos centauros, o que inviabilizaria a “paiderastia” (BULFINCH, 2002).

Vale ressaltar que as relações de amizade e amor de Pátroclo e Aquiles não suplantam a relação homem/mulher, Aquiles/Briseis, conforme escreve Viegas (2013, p. 36), na Grécia, “homens amam mulheres e amam homens em um mesmo espaço com intensidades e atitudes peculiares a cada amor.” Nesse sentido, em Homero, é interessante ressaltar as práticas homossexuais na Grécia Antiga se configura de forma distinta, apesar da *homoafetividade* ser um vocábulo contemporâneo pós-estudos psicanalistas e efetivação das pesquisas sobre gênero, é notório que tais relações perpassavam práticas de amor e afeto que, por sua vez, são bem evidentes na *Ilíada*.

Considerações finais

A pesquisa realizada nos proporcionou o entendimento sobre a dimensão paradoxal e, por que não dizer ambígua, do *habitus* em torno de práticas homossexuais, amor e afeto na Antiguidade Clássica tendo como corpus analítico a *Ilíada*. A nossa pergunta inicial, sobre o “verdadeiro” amor de Aquiles, como questionam-se aqueles leitores mais solícitos de romantismo, nos remete a uma resposta também ambígua. Como afirma Viegas (2013), na Grécia coabitavam duas formas de satisfação da libido e das

emoções, homens amavam mulheres e amavam homens no mesmo espaço com formas peculiares de satisfação afetiva e sexual.

A forma como a *Ilíada* é construída demonstra essa ambiguidade, a princípio, pelo próprio vocábulo usado por Homero (*philia*) usado tanto para se referir as relações afetivas Aquiles/Briseis como Aquiles/Pátroclo. Em seguida, vemos que a chamada *Ira de Aquiles* manifesta-se tanto em defesa de sua amada (Briseis) como em forma de vingança pela perda de seu amado e companheiro Pátroclo, seu “cabeça igual” que designa a intimidade fora e dentro do campo de batalha.

Diante das considerações realizadas nessa pesquisa, não queremos ser generalizantes na resolução da nossa problemática: “a quem pertencia o coração de Aquiles?”. Entendemos que as práticas homossexuais e formas afetivas entre dois homens na Grécia, não se coaduna como as configurações atuais, pois tais práticas se davam no âmbito de uma amizade “profunda”, em um companheirismo e trocas afetivas em que coabitam a libido e o afeto. Por corolário, o mesmo homem que amava “iguais”, também amava as mulheres, de forma distinta, como posse, arcano do lar, a quem este também lhe oferecia carinho, carícias e amor, afinal, não seria ingenuidade pensar que na Grécia os homens amavam somente homens e que as mulheres eram somente reprodutoras? (ULLMANN, 2005).

Referências:

AUBRETON, Robert. **Introdução a Homero**. São Paulo: DIFEL, USP, 1968.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1994.

BULFINCH, Thomas, *O Livro de Ouro da Mitologia: Histórias de Deuses e Heróis*, 26. Ed., Rio de Janeiro, 2002, Ediouro.

CARLIER, Pierre. *Homero*. Tradução de Fernanda Oliveira. Lisboa: Europa-América, 2008.

CORINO, LUIZ CARLOS PINTO. Homoerotismo na Grécia Antiga – Homossexualidade e Bisexualidade, Mitos E Verdades. **Revista Biblos**. Disponível em: < www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/06/pdf_7b61bc03a1_0010976.pdf>. Acesso em 10 de Fevereiro de 2015.

DOVER, Kenneth James. **A Homossexualidade na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Formação do estado e Civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

Homero. **Ilíada**. Tradução de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Editora Germape, 2006.

_____. **Ilíada**. Tradução de Manoel Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. **Odisseia**. Tradução de Manoel Odorico Mendes. São Paulo: Martin Claret, 2005b.

PETRÔNIO. **Satiricon**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

TRÓIA. Direção de Wolfgang Petersen. Warner Bros Pictures. Drama. Estados Unidos, 2004, 163 min.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. **Amor e sexo na Grécia Antiga**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

VIEGAS, Alessandra Serra. O amor de Aquiles: de quem é o coração do herói mais belo da *ilíada* de Homero? Pátroclo ou Briseis? **Revista Eletrônica de Antiguidade**. Rio de Janeiro. Jul. n. 02, 2013. Disponível em: <<http://www.nea.uerj.br/nearco/arquivos/numero12/27-43.pdf>>. Acesso em 01 de outubro de 2013.